

Editorial da Edição 18 – Ensino de Sociologia Decolonial

A edição “**Ensino de Sociologia Decolonial**” oferece aos leitores artigos que procuram refletir sobre práticas de ensino contra hegemônicas e que priorizam as perspectivas de coletivos afro-brasileiros e indígenas.

Inicia com o artigo de Paula Menezes Santos e Clarissa Tagliari Santos sobre as possibilidades de “fazer cinema a partir da escola”. As autoras descrevem um projeto de documentário realizado por (e com) estudantes do Colégio Pedro II, campus Humaitá, no Rio de Janeiro, em 2014, durante a Copa do Mundo. Apontam para as interseções entre Cinema e Sociologia ao tecerem conexões entre as reflexões dos cineastas Eduardo Coutinho e Jean-Louis Comolli e de autores decoloniais. Pretendem, assim, contribuir para uma prática de ensino em que a produção imagética associe-se a uma pedagogia crítica, que seja capaz tanto de deslocar os estudantes da posição de espectadores quanto de engajá-los em uma proposta estética e concepções narrativas próprias.

Afrânio de Oliveira Silva e Lier Pires Ferreira descrevem e analisam os obstáculos à efetivação dos conteúdos de histórias e culturas afro-brasileiras e indígenas na Educação Básica, após as leis 10.639/2003 e 11.645/2008. Destacam, dentre outros elementos, a persistência de uma “lógica extremamente eurocêntrica” no tratamento de questões étnico-raciais nos currículos escolares. Chamam a atenção, ainda, para as dificuldades que se somam a esse quadro com a alteração do Ensino Médio, que, segundo os autores, “minimiza a importância do aprofundamento de alguns conteúdos para todos os(as) estudantes de forma igualitária”.

Franklin da Silva Alonso discute a retomada da produção cerâmica entre os índios Mbyá-Guarani de uma aldeia em Niterói, região metropolitana do estado do Rio de Janeiro. Com base nas oficinas cerâmicas que o autor realiza com crianças da aldeia, são descritas as imbricações entre noções de material e imaterial – e no interior das quais os objetos cerâmicos não apenas concretizam significados mas criam ações e efeitos no mundo tal qual vivido pelos Mbyá-Guarani.

Na seção de **Resenhas**, Paula Menezes Santos nos traz *Mulheres, raça e classe*, de Angela Davis. Publicado no Brasil tardiamente em 2016 – 35 anos depois de sua seu lançamento original em inglês – a obra vem fortalecendo a perspectiva da interseccionalidade, da academia à cultura política mais geral. Como Paula Menezes

aponta, trata-se de “uma obra cuja potência se abre em várias direções, desde a análise sobre a cultura do estupro na constituição da sociedade racista-patriarcal-capitalista até a própria discriminação racial no seio do movimento feminista estadunidense”.

Boa leitura!